

VODUN DAYS

O ABECEDÁRIO DOS DIAS VODUN

9, 10 E 11 JANEIRO 2025

OUIDAH, BÉNIN

www.vodundays.bj



GOUVERNEMENT
DE LA RÉPUBLIQUE
DU BÉNIN

O Abecedário dos Dias Vodun

A.

Aïzan do Mercado Zobè :

Aïzan representa a **Energia** dos mercados e do comércio. Situado na entrada do Mercado **Zobè**, seu papel é proteger contra o **empobrecimento** e garantir que o mercado prospere e **seja frutífero**. É o ponto de partida da procissão que segue em direção à praia.

A Árvore do Esquecimento :

Após serem vendidos na Praça dos Leilões (Place aux Enchères), os escravizados eram obrigados a caminhar em torno da Árvore do Esquecimento, realizando esse ritual de passagem nove vezes para os homens e sete vezes para as mulheres. Esse processo foi concebido para apagar de maneira simbólica todos os traços de sua identidade e de seu pertencimento, ressaltando assim a desumanização e a expropriação sistemática dos cativos. A Árvore do Esquecimento em Ouidah permanece, assim, um símbolo marcante dos sofrimentos vividos por aqueles arrastados para o abismo do tráfico transatlântico de escravizados.

B.

Baobá (Kpasatin):

O Baobá, também conhecido como **Kpasatin** no contexto da religião *Vodun*, é uma árvore sagrada no Benim. Esta árvore majestosa, admirada tanto por sua robustez quanto por sua simbologia espiritual, desempenha um papel significativo na cultura *Vodun*.

Bocio :

Objeto ritual sagrado, frequentemente uma escultura, utilizado em **diversos rituais Vodun**. Os **Bocio** são venerados e nutridos durante cerimônias religiosas.

C.

A Casa Zomayi:

A Casa **Zomayi** é uma etapa crucial da "Rota do Escravo" (*La Route de l'Esclave*), em Ouidah, no Benim. O termo "Zomayi" significa "a luz não se atreve a entrar lá". Este marco memorial

fazia referência a uma grande casa hermeticamente fechada, onde os escravizados eram confinados assim que chegavam a *Zoungbodji*. Eles só saíam quando chegava o momento de embarcar nos navios negreiros que os aguardavam perto da praia. A Casa **Zomayi** simboliza, assim, o sombrio episódio da história do tráfico de escravizados, lembrando as condições opressoras às quais os cativos eram submetidos antes de sua partida forçada rumo ao desconhecido.

Os Búzios:

Os búzios são utilizados como instrumentos de adivinhação pelos sacerdotes e sacerdotisas *Vodun*. Eles são lançados, dispostos e interpretados de diversas maneiras para obter orientações espirituais sobre questões, eventos futuros ou aspectos da vida cotidiana. Além de seu uso ritual, os búzios também são empregados como adornos na confecção de joias e trajes usados durante as cerimônias *Vodun*.

O Cerimonial Vodun:

O Cerimonial *Vodun* envolve um conjunto de rituais codificados e sagrados. Esses rituais incluem ações simbólicas, orações, cantos, danças e, por vezes, oferendas específicas. Cada elemento do cerimonial possui um significado particular e contribui para estabelecer uma conexão entre os participantes e os *Vodun*.

O Convento Vodun:

O convento *Vodun* é uma instituição religiosa onde os *vodunsi* (fieis do *Vodun*) levam uma vida religiosa em comunidade. A particularidade do convento *Vodun* reside no fato de combinar um espaço de vida comunitária com uma instituição de formação. De fato, o convento *Vodun* possui em seu interior locais dedicados à formação de noviços (**Hunkpɔkpɔ**). Os ensinamentos oferecidos baseiam-se na filosofia da fé *Vodun*, que defende o equilíbrio e a harmonia entre todas as criaturas do Ser **Supremo** (*Mahu* em Fon/*Olodumare* em Iorubá).

D.

O Daomé:

Fundado no século XVII, o reino de **Danxome** foi um antigo reino localizado na região que hoje corresponde ao Benim. Essa entidade política desempenhou um papel central no comércio transatlântico de escravizados, com o porto de Ouidah como ponto central. O reino foi governado por uma sucessão de reis, alguns dos quais foram reconhecidos por sua expansão territorial e suas habilidades militares. A religião *Vodun* floresceu dentro do reino, tornando-se um elemento fundamental da cultura e da identidade do Daomé.

Dan:

"Dan", nas línguas do *Continuum Dialetal Gbe*, significa "serpente". Embora, no panteão *Vodun*, algumas espécies de serpentes sejam veneradas, como o "python real" – uma expressão precoce de respeito pelas espécies raras –, **Dan** simboliza um dos elementos da Natureza que representa um *Vodun*, neste caso, a Energia aérea (Ar). Este *Vodun* cardinal, assim como os *Vodun Xevioso* (Fogo Cósmico), *Sakpata* (Terra) e *Tɔxɔsu* (Água), religa a Terra e o Céu e possui uma família específica (características próprias) e é dedicado à felicidade, riqueza e prosperidade. Os fieis iniciados neste *Vodun* estão entre os mais numerosos dentro do panteão.

As Diásporas:

As diásporas, no contexto do *Vodun*, referem-se à disseminação das práticas religiosas, culturais e espirituais do *Vodun* pelo mundo, principalmente devido ao tráfico de escravizados. Esse fenômeno deu lugar a uma diversidade de tradições sincréticas, nas quais o *Vodun* se misturou com outras crenças e influenciou as culturas nas Américas, especialmente por meio de práticas como a Santería em Cuba, o Vodou no Haiti e ainda o Candomblé no Brasil.

E.

Egungun :

"O termo "Egún", em *K'áǎrò* (iorubá), significa "osso, esqueleto", ou seja, "aquele que morreu e retorna". "Egúngún" é, portanto, a duplicação de "Egún". "Egúngún" é, antes de tudo, uma instituição presente em algumas famílias de *Ájǎ-Tádó*, onde, ao ocorrer a transição de um indivíduo que teve uma vida virtuosa, os membros da família decidem imortalizá-lo. Trata-se de uma beatificação, que sucede e, ao mesmo tempo, estabelece uma ancestralização, tal como é frequentemente praticado nas famílias *Gbè*, e o culto aos ancestrais.

No essencial, o culto "Egúngún" e o culto aos ancestrais são uma mesma realidade religiosa em *Ájǎ-Tádó*, uma abordagem que nos ensina que a primeira religião da humanidade é, sem dúvida, o culto aos ancestrais, o que não deixa de evocar a cena da *pesagem do coração* (*la pesée du cœur*) na concepção egípcia da imortalidade dos mortos.

No entanto, há uma diferença não apenas de conteúdo, mas principalmente de forma entre o culto "Egúngún" e o culto aos ancestrais no *Continuum Dialetal Gbè*. Pois, embora ambos os cultos representem o retorno espiritual dos mortos entre os vivos, o "Egúngún" é, na verdade, não apenas um retorno físico, ou seja, uma materialidade do espírito do falecido, razão pela qual ele é mascarado, mas, sobretudo, essa máscara dá lugar tanto a uma veneração quanto a um espetáculo." (Para mais detalhes, consultar o livro *Le Fá, la Gnose Àjé et la Mécanique Quantique*, do Professor Mahougnon KAKPO).

F.

Fá :

"Assim como o *Gèlèdè*, a UNESCO proclamou o *Fá (Ifá)*, desde 2005, como 'Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade', inscrevendo-o como tal em 2008. O *Fá* é uma mensagem de *Olódùmarè* ou de *Mahu* (Deus Supremo, conforme a denominação iorubá e no *Continuum Dialetal Gbè*). Ele representa a Sabedoria Universal, o Conhecimento sobre tudo, o Saber enciclopédico. Porém, este Saber enciclopédico só pode ser consultado por *òrúnmìlà* (Potência Espiritual Soberana que rege a adivinhação), porque ele foi 'testemunha do destino' de tudo o que existe. *òrúnmìlà* é, portanto, mais um intermediário, o único médium capaz de acessar *Ifá* para recuperar, como em uma imensa biblioteca, as respostas às preocupações humanas. Mas, para que *òrúnmìlà* seja solicitado a acessar *Ifá*, o *Bòkòńò* ou *Babalawo* deve manipular as Nozes Sagradas (*les noix sacrées*), arquétipos de *òrúnmìlà*, ou o *òkpèlè*, a corrente divinatória feita de corda ou metal.

Em outras palavras, o Deus supremo, a quem é difícil para os humanos se dirigir diretamente, concedeu um de seus atributos, sua Sabedoria ou sua Palavra, a *òrúnmìlà*, que é o único capaz de acessá-la. Aqui, a Sabedoria Divina ou a Palavra de *Olódùmarè* é o que chamamos de *Ifá* ou *Fá*. É a *òrúnmìlà* que os *Babalawo* ou *Bòkòńò* se dirigem quando eles próprios são solicitados pelos consultantes para obter a resposta de *Olódùmarè* por meio de *Ifá*. É por isso que o *Fá* é, segundo uma de suas múltiplas funções, utilizado como um sistema de adivinhação. E, como tal, ele constitui um conjunto de signos chamados *Fádu* (divisões do *Fá*), graficamente expressos em dois conjuntos de traços paralelos e verticais, transcritos e lidos da direita para a esquerda e de cima para baixo, em quatro colunas, que o *Bòkòńò* interpreta através da corrente divinatória, o *òkpèlè* (ou *Ákplè*).

O alfabeto do *Fá* é constituído por 16 letras, cuja duplicidade (da mesma letra) forma um signo: é o *Fádù*, ou seja, uma divisão do *Fá*. Existem, no total, 16 *Fádù* cardinais, dos quais derivam outros 240, elevando assim o total a 256 *Fádù*, que produzem cada um um número infinito de palavras em cada uma das linguagens (*Fágbèsisa*, *Fáglèta* e *Fáhàn*) que os constituem. É este *Fádù*, que não deve ser confundido com o signo zodiacal, que carrega todas as informações da metafísica ontológica do indivíduo, que este último descobrirá na floresta do *Fá* ao final de uma iniciação meticulosamente conduzida, de acordo com um ritual rigoroso liderado por eminentes *Bòkòńò* ou *Babalawo*. Os *Fádù* cardinais são chamados de *Meji* (dois, em iorubá) e são constituídos pela duplicidade da mesma letra. Eles se dividem em masculinos e femininos e admitem representações indiciárias e esotéricas." (Para mais detalhes, consultar o livro ***Le Fá, la Gnose Àjé et la Mécanique Quantique***, do Professor Mahougnon KAKPO).

A Floresta Sagrada de Kpassè:

O templo de *Kpassè* é um local de culto *Vodun* importante em Ouidah. Ele é dedicado a *Kpassè*, o ancestral epônimo dos *Xwéla* e antigo rei de *Savi*. A árvore na qual ele se encarnou é um *Vodun* associado à prosperidade, à saúde e à proteção. O local está situado em Ouidah, no bairro *Tovè*. Trata-se de uma floresta semi-densa que abriga cerca de trinta e seis (36) espécies

distribuídas em vinte (20) famílias. Algumas dessas árvores possuem poderes medicinais. Encontram-se também árvores *fromagers* (uma planta tropical também conhecida como algodoeiro por causa das fibras de suas sementes servirem como alternativas ao algodão ou enchimento de almofadas) e um grande *iroko*, (uma grande árvore - sagrada em muitas culturas africanas - de madeira dura que pode viver até 500 anos) símbolo da reencarnação do rei *Kpassè*, que desapareceu misteriosamente, segundo a lenda. O local se tornou, desde 1993, um ponto de visitação turística internacionalmente reconhecido.

Os Fortes de Ouidah :

Três fortes históricos foram erguidos em Ouidah durante o período do tráfico negreiro: os fortes português, inglês e francês. Essas estruturas tinham como objetivo facilitar as relações diplomáticas e comerciais com as autoridades locais da época. Após a abolição do tráfico de escravos no início do século XIX, esses fortes foram progressivamente abandonados, deixando para trás vestígios que testemunham o seu passado. O forte inglês, em particular, já era apenas parcialmente visível no final do século XIX, enquanto o forte francês foi desmantelado em 1911 por ordem do governador francês do Daomé. Apenas o forte português permaneceu, embora em um estado degradado, e Portugal continuou a exercer sua soberania sobre ele com o consentimento tácito das autoridades coloniais francesas. Essa soberania portuguesa perdurou até 1961, ano em que o forte foi ocupado sem oposição pelas forças da República do Daomé.

Fromager (Huntin) :

Outra árvore sagrada que desempenha um papel importante nos rituais *Vodun*. Diferentes partes da árvore, como a casca e as raízes, são usadas para fins medicinais, tratando diversos problemas, como febre e infecções.

G.

Gèlèdǎ :

“O termo *Gèlèdǎ* vem do iorubá *gèlè* = "coifura, adereço" e de *dǎ* = "chegar". Assim, pode ser traduzido como "o adereço coifado chega". Proclamado em 2001, foi apenas em 2008 que o *Gèlèdǎ* foi inscrito pela UNESCO na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. À imagem do *Gèlèdǎ* estão associadas duas características essenciais: 'o caráter lúdico do espetáculo e suas repercussões terapêuticas sustentadas pelo poder de *Iyá'*. A máscara *Gèlèdǎ* elevou a sociedade *K'áǎrò* a uma sociedade de *Gèlèdǎ*. A própria máscara *Gèlèdǎ*, embora existam versões de mono-estrutura, é frequentemente composta por uma máscara que representa a cabeça de uma mulher iorubá, identificável por seus traços étnicos autênticos característicos. Essa máscara inicial é geralmente coroada por uma superestrutura que figura um espetáculo particular.” (Para mais detalhes, consultar o livro *Le Fá, la Gnose Àjé et la Mécanique Quantique*, do Professor Mahougnon KAKPO).

Os gongos gêmeos :

Os gongos gêmeos possuem grande valor ritualístico. Eles são formados por duas altas campânulas de dimensões diferentes (uma grande, à qual é soldada uma menor) em ferro forjado, unidas por uma alça arqueada metálica, frequentemente reforçada e embelezada, que serve como cabo. O gong é carregado com a face voltada para cima ou para baixo, sendo golpeado com um bastão de madeira ou de ferro, dependendo do som que se deseje produzir. Existem versões com uma única campânula. As campânulas são utilizadas para marcar o ritmo e acompanhar as danças, ou ainda para anunciar informações relacionadas aos Templos *Vodun*.

I.

Iroko :

O *iroko*, uma árvore sagrada, é a **única árvore Vodun na região de Aja-Tado** e, por isso, recebe rituais específicos. Ele participa de cerimônias relacionadas à esterilidade, à saúde e à proteção. (Para mais detalhes, consultar o livro *L'Iroko: L'Arbre de vie dans la mystique Vodun* do Professor Mahougnon KAKPO).

Hissopo Africano:

Esta planta litúrgica é frequentemente usada em rituais de purificação e como erva medicinal.

L.

Leǵbà :

Leǵbà é um *Vodun* central no panteão *Vodun*. Ele é o mensageiro que leva as mensagens dos humanos e dos outros *Vodun* ao Ser Supremo. Representando a ordem e o caos, o ponto de encontro de todos os opostos, ele é o guardião do limiar (casa, cidade, mercado, templo dos outros *Vodun*...). Assim, ele simboliza a virilidade, bem como o vínculo entre o tangível e o espiritual.

M.

Mami Wata :

Na religião *Vodun*, *Mami Wata* é um *Vodun* associado ao oceano. Ele rege principalmente as energias de prosperidade e fertilidade. Os fieis lhe prestam homenagem na esperança de receber suas bênçãos para saúde, riqueza e fecundidade. Os rituais dedicados a *Mami Wata*

frequentemente envolvem oferendas, danças e cerimônias específicas para honrar e estabelecer comunicação com esse *Vodun*.

As maracas (Hoquets ou castanholas):

Cabaças secas recheadas com sementes ou envoltas por sementes, montadas em uma rede, as maracas são instrumentos de percussão tocados para acompanhar os tambores. Elas também são utilizadas para invocar os *Voduns*.

O Memorial de Zoungbodji:

O Memorial de *Zoungbodji*, erguido em Ouidah na Rota do Escravo, é uma comovente homenagem às vítimas do terrível período da escravidão. Está localizado no lugar de uma vala comum, onde escravos enfraquecidos, doentes, mulheres, crianças e até mesmo alguns ainda vivos eram abandonados sem sepultura. Este monumento ergue-se como um símbolo de memória e de comemoração.

A peça central desta obra é uma imponente estela vertical de 6 metros por 4, com um estilo simbólico marcante. Ela retrata escravos em diversas situações, capturando a brutalidade de seus destinos com uma profundidade emocional impressionante. O criador desta obra utiliza habilmente a simbologia das cores: o marrom evocando os corpos, o preto representando as correntes e o vermelho-sangue simbolizando o drama humano.

O Museu Internacional do Vodun:

Localizado em uma área de 15.516 m², o Museu Internacional do *Vodun*, em Porto-Novo, é muito mais do que um simples espaço para exposições. Trata-se de uma enciclopédia viva das religiões que oferece aos visitantes ferramentas intelectuais e visuais para compreender os fundamentos da religião *Vodun*. O objetivo é tornar o *Vodun* acessível e posicioná-lo como uma espiritualidade legítima no centro do conjunto das religiões e outras formas de espiritualidades que moldaram a história da criação.

O.

Orisha :

Orisha é o termo genérico para designar os *Voduns* na tradição iorubá. Assim, refere-se às entidades espirituais veneradas dentro das tradições religiosas de origem iorubá, tais como o *Vodun* no Benim e outras formas de espiritualidade na África Ocidental e na diáspora africana, como também a Santería em Cuba e nos Estados Unidos, e o Candomblé no Brasil.

Ouidah :

A cidade histórica de Ouidah, localizada no Benim, representa um rico patrimônio artístico, cultural e espiritual profundamente enraizado na tradição *Vodun*. Desempenha um papel

central como um local emblemático do período da escravidão, abrigando locais de memória como a Porta do Não-Retorno, a Rota dos Escravos, o Memorial de *Zoungbodji*, a Floresta Sagrada de Kpassè, o Templo dos Pítons, a Basílica, a Praça dos Leilões, entre outros.

Ouidah destaca-se por sua arquitetura e ruas pitorescas e proporciona aos visitantes uma imersão genuína na vida contemporânea da cidade. A cidade é reconhecida também por seu papel na preservação das tradições *Vodun* através dos rituais realizados nas principais praças urbanas. É a cidade escolhida pelo Governo do Benim para abrigar as festividades dos *Vodun Days*.

P.

A Praça dos Leilões :

A Praça dos Leilões é um espaço público onde ocorrem diversas atividades culturais e religiosas durante os *Vodun Days* em Ouidah. Historicamente, era um local onde se realizavam leilões públicos, nos quais os escravizados destinados às Américas eram vendidos.

A Praça Maro :

A Praça *Maro* é um espaço público onde se realizam várias atividades culturais e religiosas durante os *Vodun Days*. Ela é reservada para acolher os *Egungun*. É um ponto de encontro para celebrações, danças, apresentações artísticas e rituais do *Vodun*. A praça está no centro da efervescência das festividades.

A Porta do Não Retorno:

A Porta do Não Retorno é um monumento situado em Ouidah, no Benim. Este monumento está historicamente associado ao comércio transatlântico de escravos, que ocorreu do século XV ao XIX. O arco, revestido de concreto e bronze, apresenta representações visuais marcantes desse período doloroso. As duas faces do arco são adornadas com imagens impactantes que retratam homens e mulheres reduzidos à escravidão.

Os padres e sacerdotisas Vodun:

Os padres e sacerdotisas *Vodun* ocupam posições cruciais dentro da religião *Vodun* no Benim. De fato, são considerados os guardiões das tradições espirituais, dos conhecimentos sagrados e dos rituais que são transmitidos de geração em geração, desempenhando um papel central na comunicação com os *Vodun* e na preservação do equilíbrio entre o mundo material e espiritual.

Píton :

DANGBOE OU LE TɔXWIYɔ DES XWEḡANU. O termo *Xweḡanu* é formado por *Xweḡa*, que significa a etnia *Xwela* ou *Pédah* segundo a expressão francesa; e de "nu" = "originário de".

Portanto, *Xweḍanu* significa "originário de Xweḍa; aquele que pertence à etnia Xweḍa"; e, assim, *Xweḍa Dangboe* se traduz por "Dangboe dos Xweḍanu", ou seja, "Dangboe venerado pelos membros da etnia Xweḍa". O termo *Dangboe* em si, especialmente na língua *Xwela*, é formado pelos morfemas "dan", que significa "cobra", e "gboe", que se refere à ideia de algo "grande, antigo, digno de respeito e veneração". *Dangboe*, a píton real, uma cobra constritora e não venenosa, é considerada o "ጥጃወዳ dos Xweḍanu". Portanto, é venerado pelos membros dessa etnia do sul do Benim, que, assim como uma das espécies dessa serpente sagrada, carrega dez cicatrizes verticais no rosto: duas na testa, duas em cada têmpora e duas em cada bochecha. Essas cicatrizes são as marcas visíveis de identificação dos *Xweḍanu*. No plano das energias ou dos elementos, *Dangboe* está inserido na linha da energia aérea: *Dan*.

Contudo, embora seja o ጥጃወዳ (ancestral epônimo, fundador do clã ou da etnia) apenas dos *Xweḍanu*, por razões históricas, quase todas as etnias da área cultural *Aja-Tado* veneram essa serpente sagrada, não necessariamente como ጥጃወዳ, mas como *Vodun*. Assim, à semelhança dos *Xweḍanu*, todos os membros da comunidade respeitam as proibições de destruição e consumo dessa serpente sagrada.

Da mesma forma, quando um membro dessa comunidade mata acidentalmente – durante trabalhos agrícolas, ao circular pela estrada, etc. – ou encontra o *Dangboe* morto, independentemente do local, tem o dever de enterrá-lo, certificando-se de capturar seu espírito ao tocar o túmulo com uma pedra, que é entregue aos sacerdotes do culto, conhecidos como *Dangbenɔ* (sacerdotes de *Dangboe*). Essa pedra é depositada pelos sacerdotes, ao final de um ritual específico que consagra o retorno do espírito (Ye) do ancestral epônimo (ጥጃወዳ) ao seio do egrégora étnico, na cabana reservada para esse propósito. Em seguida, aquele que trouxe a pedra, símbolo do espírito do ancestral epônimo, é submetido a um banho ritual de purificação para livrá-lo do Ye, (DNA) da serpente sagrada. Um jarro contendo essencialmente plantas com o mesmo objetivo lhe é entregue para continuar o banho de purificação por sete dias, ao final dos quais ele deve devolver o jarro vazio aos sacerdotes para os procedimentos necessários. Não se submeter a esses rituais expõe quem matou ou encontrou a serpente sagrada morta às mesmas consequências que um homicídio ou sacrilégio. Essas consequências podem incluir até mesmo a morte do transgressor.

Existem pelo menos sete espécies de *Xweḍa Dangboe*, cada uma com suas especificidades. São elas:

1. *Kpohun*: Este píton possui no rosto — na testa, em cada têmpora e em cada bochecha — marcas que se assemelham a cicatrizes. É grosso e curto (cerca de 15 a 20 cm de comprimento, com diâmetro equivalente). Diferente das outras espécies, ele pula ao invés de rastejar. Desenvolve uma poderosa energia de invencibilidade. Considerado a mãe dos pítons, é a espécie fundadora da etnia *Xweḍa*.
2. *Dre*: A mais conhecida de todas as espécies de píton, *Dre* possui uma pele sempre fresca e predominada por um preto brilhante. É grosso, com 15 a 25 cm de diâmetro, e pode alcançar até 2 metros de comprimento. É considerado o pai dos pítons.
3. *Likpo*: A especificidade deste píton de cauda muito curta é o endurecimento, o que frequentemente o impede de trocar de pele.

4. *Xwesi*: Este píton, de cauda longa, é excepcionalmente aquático e às vezes se alimenta de pequenos peixes.

5. *Gbeji*: A cor verde que predomina na pele deste píton, de tamanho frequentemente médio, parece destiná-lo à mata, onde ele se sente mais à vontade.

6. *Ava*: Além das mesmas características que compartilha com *Kpohun*, este píton pode subir em árvores e pode permanecer pendurado, sem comer, por várias semanas.

7. *Le*: É o mais doméstico dos pítons. Muito bonito devido à sua pele, onde predomina um azul brilhante, este píton, que é fino e flexível, adora os locais frescos da casa, especialmente sob os jarros de água fresca. (Para mais detalhes, consulte a obra do Professor Mahougnon KAKPO, *Le Fá: Le flambeau des Mystères. Une phénoménologie de l'ontologie*).

R.

Os rituais :

Os rituais na religião *Vodun* representam cerimônias sagradas e estruturadas, orquestradas para honrar, invocar ou comunicar-se com os *Vodun*. Esses rituais estão enraizados em uma compreensão profunda da conexão entre o mundo material e o espiritual.

A Rota dos Escravos :

A Rota dos Escravos, que se estende por uma distância de 3 quilômetros e meio, constitui um itinerário histórico e memorial que retrata o doloroso caminho percorrido pelos cativos em direção aos navios negreiros em Ouidah, no Benim. Estabelecida em 1992, essa via memorial começa na Praça dos Leilões, onde os escravos eram vendidos, antes de se afastar do centro da cidade. Mais adiante, uma estátua simboliza a Árvore do Esquecimento, em torno da qual os escravos eram obrigados a dar voltas várias vezes, perdendo assim sua identidade. O trajeto segue pelo vilarejo de *Zoungbodji*, onde os cativos eram amontoados na Casa *Zomai*, um lembrete tocante das condições desumanas a que eram submetidos. A última etapa dessa rota é simbolizada pela Porta do Não Retorno, que reflete o ponto de partida forçado dos escravos para um destino desconhecido a bordo dos navios negreiros.

A Rota dos Mosteiros (Templos) Vodun :

A Rota dos Mosteiros *Vodun* tem como vocação identificar, documentar, restaurar e conectar os Templos *Vodun*. Ela constitui um itinerário turístico de imersão no coração dos valores fundamentais da religião. Cinco cidades foram cuidadosamente selecionadas para uma fase piloto: Ouidah, Adjara, Abomey, Kétou e Grand-Popo. Cada uma dessas cidades encarna a história do *Vodun* e oferece uma oportunidade única de mergulhar no rico panteão dessa tradição espiritual.

S.

Sakpata :

Na religião *Vodun*, *Sakpata* é um *Vodun* associado às doenças e à cura. Ele representa o elemento Terra e é venerado por seus poderes de proteção contra as epidemias. Alguns rituais e cerimônias relacionados ao *Vodun Sakpata* envolvem atividades realizadas diretamente no solo, destacando sua conexão com as energias telúricas.

T.

Os tambores :

Os tambores estão no coração da música *Vodun*. Eles são tocados de maneira rítmica e poderosa para invocar os espíritos e manter a energia espiritual durante os rituais.

O Templo :

Um templo *Vodun* é um local sagrado e ritual dedicado à veneração dos *Vodun* e à prática da religião *Vodun*. Esses templos são espaços consagrados onde os fiéis se reúnem para honrar os *Vodun*, realizar rituais e participar de cerimônias espirituais.

O Templo Efêmero Mami Dan :

O Templo Efêmero *Mami Dan* é um local sagrado temporário erguido perto da arena cultural de Ouidah, no Benim, especificamente para celebrar e prestar homenagem ao *Vodun Mami Wata* através de rituais durante os *Vodun Days*, que ocorrerão nos dias 9, 10 e 11 de janeiro de 2025 no centro desta cidade histórica.

O Templo dos Pítons :

Este templo é um dos locais mais emblemáticos de Ouidah e é dedicado ao culto do píton sagrado, que é um *Vodun* importante. Os pítons vivem livres dentro do templo e são considerados mensageiros divinos. Os visitantes e os fiéis do *Vodun* vão até este templo para venerar os pítons. O Templo dos Pítons simboliza a conexão entre a religião *Vodun* e a natureza.

O Templo Sakpata:

O Templo *Sakpata*, erguido em *Zoungbodji* no âmbito do projeto "**A Rota dos Mosteiros Vodun**", representa uma manifestação significativa da preservação e valorização do patrimônio *Vodun*. O Templo *Sakpata* oferece um espaço dedicado aos rituais para a veneração do *Vodun Sakpata*, associado à Energia telúrica, sendo venerado tanto por sua capacidade de proporcionar prosperidade quanto por seus poderes de proteção contra as epidemias.

V.

Le Vodun :

A religião *Vodun* se caracteriza pelo seu compromisso com o equilíbrio entre os mundos visível e invisível, assim como os diversos aspectos da vida, incluindo a natureza e a cultura. Profundamente enraizada nas tradições dos povos *Aja-Tado*, que englobam o *Continuum Dialetal Gbe e K'aaro*, o *Vodun* representa o termo genérico para as energias vibratórias criadas por *Mahu* (*Olodumare* ou *òlór un* em iorubá), ou seja: "Nu e ma hugan": "o que ninguém pode ultrapassar, o Insuperável, o Supremo". Essas energias receberam o poder de guiar os seres humanos em seus questionamentos existenciais.

Existem vários tipos de *Vodun* no panteão: os *Vodun* cardinais (*Hunsuzen*), aqueles fundados nos elementos da Natureza (Terra: *Sakpata*; Fogo: *Xevioso*; Água: *Tɔ̀xɔsu*; Ar: *Dan*), os *Vodun* mascarados (*Egungun*, *Zangbetɔ*, *Geledé...*), os *Vodun* não mascarados, os *Ta Vodun* (aqueles que são carregados na cabeça ou nos ombros)...

Vodunsi :

O termo *vodunsi* designa o fiel do *Vodun*. É uma pessoa que, iniciada no *Vodun*, pratica ativamente essa religião. Seu papel é fundamental na preservação das práticas e conhecimentos relacionados à religião *Vodun*, contribuindo assim para a transmissão dessa tradição secular dentro da comunidade.

X.

Xevioso :

Na religião *Vodun*, o *Vodun Xevioso* representa o elemento Fogo cósmico e, portanto, está associado ao trovão e à justiça. Frequentemente invocado para instaurar o equilíbrio e revelar a verdade, *Xevioso* personifica a força da natureza, ao mesmo tempo que simboliza os princípios de justiça que orientam os fieis em sua busca por harmonia espiritual.

Y.

Yoruba :

Os Yoruba designam tanto um grupo étnico originário da África Ocidental, principalmente concentrado na Nigéria, no Benim e em Togo, quanto uma língua pertencente à família das línguas nigero-congolesas. O termo é igualmente associado a uma rica tradição cultural, religiosa e artística, que influenciou fortemente o *Vodun* e outras práticas espirituais da diáspora africana.

Z.

Zangbetɔ :

De origem *Goun*, o termo *Zangbetɔ* vem de "zan", que significa "noite", e "gbétɔ", que significa "guardião da noite". Trata-se de uma ordem iniciática, cuja aparência diurna é uma máscara de palha. Durante a noite, o *Zangbetɔ* é um guardião invisível que patrulha as ruas dos bairros, agindo como uma presença preventiva contra os criminosos. Essa função de guardião ajuda a instaurar um sentimento de segurança dentro da comunidade.

VODUN DAYS

www.vodundays.bj



GOVERNEMENT
DE LA RÉPUBLIQUE
DU BÉNIN

